



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL**

CARLA TACIANA LEITE DE SOUSA ANASTÁCIO

**DON QUIJOTE DE LA MANCHA Y SANCHO PANZA NA
RELEITURA UNAMUNIANA**

MONTEIRO

2017

CARLA TACIANA LEITE DE SOUSA ANASTÁCIO

**DON QUIJOTE DE LA MANCHA Y SANCHO PANZA NA
RELEITURA UNAMUNIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Letras–Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Monteiro–PB.

Como requisito parcial à obtenção do título de Graduação de Licenciatura Plena em Letras–Espanhol.

Orientador: Dr^a. Cristiane Agnes Stolet Correia.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A534d Anastácio, Carla Taciana Leite de Sousa.
Don Quijote de La Mancha Y Sancho Panza na releitura
Unamuniana [manuscrito] / Carla Taciana Leite de Sousa
Anastácio. - 2017.
45 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS
ESPANHOL) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Cristiane Agnes Stolet Correia,
Departamento de Letras".

1. Don Quijote de La Mancha. 2. Miguel de Unamuno. 3.
Intrahistória. 4. Religiosidade. I. Título.

21. ed. CDD 863

**DON QUIJOTE DE LA MANCHA Y SANCHO PANZA NA
RELEITURA UNAMUNIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em Letras-Espanhol
da Universidade Estadual da Paraíba,
Campus VI – Monteiro – PB.
Como requisito parcial à obtenção do
título de Graduação de Licenciatura
Plena em Letras-Espanhol.

Aprovada em: 04 de Agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Cristiane A. S. Correia

Prof. Dr^a. Cristiane Agnes Stolet Correia (Orientadora – UEPB)

Maria da Conceição A. Teixeira

Prof. Esp. Maria da Conceição Almeida Teixeira (UEPB)

Joelma da Silva Neves

Prof. Joelma da Silva Neves (UEPB)

DEDICATÓRIA

A Deus, aos meus pais, minha família, meus professores do curso de Graduação de Licenciatura em Letras–Espanhol e aos meus amigos, companheiros de turma.

RESUMO

Neste trabalho, busca-se empreender uma interpretação da obra cervantina *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* sob a perspectiva de Miguel de Unamuno. São vários os textos unamunianos dedicados a pensar as figuras de *Quijote* e *Sancho*. Focaremos principalmente em seu livro *Vida de Don Quijote y Sancho*, mostrando como as características dos personagens *Don Quijote de la Mancha* e *Sancho Panza* aparecem diferentes das características da leitura tradicional da obra cervantina. Segundo Miguel de Unamuno, tem-se uma espécie de junção entre Don Quijote e Sancho Panza, ao que Unamuno chama de processos de *quijotización* e *sanchificación*. No decorrer da narrativa os personagens se modificam, influenciando-se mutuamente. Para Unamuno, os protagonistas não se opõem, ao contrário, aproximam-se, juntam-se e se tornam imortais, a ponto de Unamuno considerar a obra cervantina como a Bíblia Nacional Espanhola, onde o protagonista é visto como o Cristo Espanhol por conta de suas ações. Quijote vive uma *intrahistória* (conceito unamuniano) dentro de sua história, conhecendo-se a cada dia. A religiosidade unamuniana também é outro ponto apresentado para refletir sobre a fé quixotesca. Para pensar tais questões, selecionamos apenas alguns episódios para trazer brevemente a interpretação unamuniana da obra, sendo estes: o prólogo, o primeiro capítulo, o episódio da batalha com os Moinhos de Vento, a Penitência na Serra Morena e, enfim, o capítulo final.

Palavras-chave: Don Quijote de La Mancha; Miguel de Unamuno; Intrahistória; religiosidade.

RESUMEN

En este trabajo, se busca emprender una interpretación de la obra cervantina *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* bajo la perspectiva de Miguel de Unamuno. Son varios los textos unamunianos dedicados a pensar las figuras de *Quijote* y *Sancho*. Nuestro foco será principalmente el libro *Vida de Don Quijote y Sancho*, mostrando cómo las características de los personajes *Don Quijote de la Mancha* y *Sancho Panza* aparecen diferentes de las características de la lectura tradicional de la obra cervantina. Según Miguel de Unamuno, se tiene una especie de unión entre *Don Quijote y Sancho Panza*, al que Unamuno llama procesos de qui jotización y sanchificación. En el transcurso de la narrativa los personajes se modifican, influenciándose mutuamente. Para Unamuno, los protagonistas no se oponen, al contrario, se acercan, se juntan y se vuelven inmortales, hasta el punto de Unamuno considerar la obra cervantina como la Biblia Nacional Española, donde el protagonista es visto como el Cristo Español por cuenta de sus acciones. *Quijote* vive una *intrahistoria* (concepto unamuniano) dentro de su historia, conociéndose a cada día. La religiosidad unamuniana también es otro punto presentado para reflexionar sobre la fe qui jotesca. Para pensar en estas cuestiones, seleccionamos sólo algunos episodios para traer brevemente la interpretación unamuniana de la obra, siendo estos: el prólogo, el primer capítulo, el episodio de la batalla con los Molinos de Viento, la Penitencia en la Sierra Morena y, por fin, el capítulo final.

Palabras-clave: Don Quijote de La Mancha; Miguel de Unamuno; Intrahistoria; religiosidad.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. UMA BREVE APROXIMAÇÃO À OBRA MESTRA CERVANTINA.....	10
2.1. O Conceito de Intrahistória.....	11
3. O CARÁCTER E O DESEJO QUIXOTESCO.....	16
3.1. Uma possível pintura de Don Quijote.....	18
4. ALGUNS EPISÓDIOS DA OBRA.....	22
4.1. O Prólogo.....	22
4.2. O 1º Capítulo.....	23
4.3. Os Moinhos de Vento.....	24
4.4. Penitência da Serra Morena.....	29
4.4.1. Amadís de Gaula.....	30
4.4.2. Dulcinéia de Toboso.....	31
5. RELIGIOSIDADE.....	35
5.1. Cristianismo e seus Símbolos.....	37
5.2. A Morte de Quijote?.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que o texto *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* é não só um marco na carreira de Cervantes como a abertura para um novo mundo literário, sendo considerado por muitos estudiosos, o primeiro romance moderno. Daí a inspiração e a vontade de inúmeros estudiosos de pesquisarem a obra cervantina. Desde a sua publicação o sucesso do romance virou um fenômeno, acarretando muitos estudos até os dias atuais. Existem várias pesquisas e possíveis interpretações a partir da obra *Don Quijote de la Mancha*. Não é nosso foco aqui apresentá-las, somente a perspectiva unamuniana.

Segundo Miguel de Unamuno, existe uma influência entre os protagonistas no decorrer da obra cervantina, com isso, *Quijote* vive uma “sanchificación” e Sancho vive uma “quijotización”. Conforme as mudanças que enfrentaram, vivem juntos e conseguem intercalar suas diferenças na busca de um mesmo ideal e nunca se separaram em meio a suas aventuras.

Nessa aventuras em meio a tantas fantasias seguem juntos, onde revelarão sua *intrahistória*, o íntimo de cada um: seus sonhos, seus ideais, etc. O sentimento que cada um carrega tem significados diferentes, *Quijote* busca reconhecimento e eterna fama, já Sancho é mais materialista e busca ser governador de uma Ilha, e mesmo com objetivos, a princípio inversos, seguem em frente.

Destacaremos alguns capítulos da obra de Miguel de Cervantes, sobre a perspectiva de Miguel de Unamuno perante a obra *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

No primeiro capítulo, *Uma breve aproximação da obra cervantina*, referente à obra de Miguel de Cervantes, *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, sob a perspectiva de Miguel de Unamuno.

A obra cervantina tende a ser vista de modo mais tradicional com a compreensão de que os protagonistas, *Quijote* e *Sancho*, são completamente

diferentes em seus objetivos. Para Unamuno, os protagonistas não se opõem, ao contrário, aproximam-se, juntam-se e se tornam imortais, ambos interligados através da “sanchificación” e da “quijotización”.

No subtítulo desse primeiro capítulo, trazemos *O conceito de intrahistória*, criação de Unamuno. “Intra” significa o que vem de dentro, são sentimentos mais escondidos, nossa história silenciosa e íntima. A história tende a ser contada mais tradicionalmente a partir dos grandes feitos, dos grandes nomes.

A vida cotidiana dos seres humanos “normais”, sem muita fama, também se insere no conceito de *intrahistória*, por estar dentro desta história mais amplamente conhecida. Portanto, esse conceito vem para desconstruí-la, ou melhor, repensá-la, e como espécie de homenagem a *Quijote*, destacando o como um reflexo, tido como luz e espelho de toda a cavalaria andante.

No segundo capítulo, *O caráter e o desejo quixotesco*, tem-se a diferenciação entre seu nome de Batismo, Alonso Quijano, e sua criação, *Don Quijote de la Mancha*. Descreve-se a aventura em um castelo feito de sua imaginação para se tornar o cavaleiro *Don Quijote de la Mancha*. Relata-se também seu amor por uma moça que ele a intitula de Dulcinéia.

No subtítulo deste, Unamuno mostra um registro visual de *Quijote* em *Uma possível pintura de Don Quijote* para ser eternizada como *El Caballero de la Triste Figura*.

No terceiro capítulo, destacaremos *Alguns episódios da obra*: o prólogo, o 1º capítulo, os moinhos de vento, a penitência e a morte final. Já no *Prólogo*, o destaque recai na figura do leitor, conforme veremos. *O 1º Capítulo* traz algumas descrições do protagonista, selecionamos algumas para repensar sua “loucura”. Os *Moinhos de Vento* a partir de algumas possíveis simbologias.

Na *penitência em Serra Morena*, apresentamos brevemente a influência dos personagens Amadís de Gaula e Dulcinea del Toboso na construção de nosso cavaleiro andante. Na religiosidade mostraremos o conceito de religião para Unamuno, relacionando-o à figura do próprio *Quijote* como cristão. E, por fim, investigamos como se dá a morte no capítulo final, relacionando-a ao que foi apresentado nos capítulos anteriores.

2. UMA BREVE APROXIMAÇÃO À OBRA MESTRA CERVANTINA

Faremos uma breve contextualização da obra de Miguel de Cervantes *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* sobre alguns aspectos da perspectiva unamuniana deste.

O narrador descreve o personagem principal *Don Quijote* como um senhor de idade, de bom caráter, boa fé, idealista, mas que perdeu o juízo lendo livros de romance sobre cavalaria. Depois de tanto ler, resolve seguir com um sonho, de ser também um cavaleiro andante, se espelha no cavaleiro Amadís de Gaula, o preferido em suas leituras.

Com isso segue em suas viagens mundo afora, na busca de defender fracos e oprimidos e como todo herói, vive um amor cheio de sentimentos por uma donzela chamada Dulcinéia, em meio a turbulências, sem poder seguir em frente, tem um amigo que se torna seu fiel escudeiro chamado *Sancho Panza*, que é mais realista e materialista.

Em uma visão mais tradicional, entendendo os dois personagens como completamente diferentes em seus objetivos, mas que seguem juntos, sem rumo numa busca incessante para um mundo incerto, cheio de aventuras. Eles se tornam amigos que não se separam, sendo relatado que *Sancho* dá realidade ao mundo imaginário que *Don Quijote* cria.

Miguel de Unamuno (2005), por sua vez, com seu livro *Vida de Don Quijote y Sancho*, descreve as características dos personagens *Don Quijote de la Mancha* e *Sancho Panza*, diferentes das características da leitura tradicional da obra cervantina, que tendem a mostrar *Don Quijote* como idealista louco e *Sancho Panza* como materialista realista, para Unamuno os protagonistas não se opõem, ao contrário, aproximam-se, juntam-se e se tornam imortais.

Para Unamuno, ambos se completavam, sendo visível a correlação de um movimento inverso de cumplicidade um para com o outro, numa posição autoral e beneficiadora, ao que o autor chamou de “quijotización de *Sancho* y sanchificación de *Don Quijote*” (UNAMUNO, 1987, p.15).

Esse mundo, que *Sancho* vive a imaginação de *Quijote*, podemos chamar de “quijotización” e o mundo que *Quijote* se deixa influenciar por *Sancho* é considerado como “sanchificación”. A esta mudança interior, nem sempre visível inicialmente,

Unamuno dá o nome de *intrahistória*, que, como o nome revela, se refere ao que ocorre intimamente, dentro, digamos que “por baixo” da história.

2.1. O conceito de *intrahistória*

Segundo a Real Academia Española (2014), o termo *intrahistória* é uma criação de Miguel de Unamuno, e significa “vida tradicional, que serve de fondo permanente a la historia cambiante y visible”. Não buscarei explicar o que vem a ser uma vida tradicional, mas quero ressaltar que esta vida é a que permanece como fundo, estando relacionada a uma espécie de essência (“que serve de fondo permanente”). Ou seja; a *intrahistória* propõe captar o íntimo, o que vem de dentro, do nosso interior, nossos sentimentos mais escondidos.

Por mais que descrevamos nossos desejos e sentimentos, nunca conseguimos revelar por completo todo nosso íntimo, tanto por não conhecê-lo integralmente (ele ainda está em processo) como pela dificuldade instaurada pela própria comunicação, em que os sujeitos envolvidos possuem conhecimentos e experiências diferentes.

Para Unamuno, a *intrahistória* está relacionada com a Literatura, pois a Literatura é insaciável, quanto mais conhecemos temos ainda mais o que explorar, então discretamente e sem pressa conseguiremos descobrir e revelar ao outro um pouco do nosso eu mais aguçado, como na literatura, quanto mais descobrimos, mais nos aprofundamos no desconhecido. Por isso, a opção unamuniana de desdobrar a concepção de *intrahistória* em uma obra literária, no caso, *Paz en la guerra* (1999).

Vale trazer as noções dos próprios termos que compõem o vocábulo. Começamos pelo substantivo. “Entende-se o termo história em dois sentidos: (1) ‘história’ como o que aconteceu e inclusive, está acontecendo aos homens, como o objeto de estudo histórico; (2) ‘história’ como o estudo histórico, o estudo do passado” (MORA, 2001, p.337).

A perspectiva que Unamuno adota e que se aproxima de sua *intrahistória* não será o estudo do passado e sim o que está acontecendo no momento com os homens, a humanidade em seu cotidiano, mostrando comportamentos, ações, reações, objetivos, relatos de vida, etc; conforme a sua natureza, ou seja, estuda o

ser humano como um todo, tanto na sua individualidade como em suas relações sociais.

“Intra” significa o que vem de dentro, uma sombra do desconhecido que exprime a nossa história diária, nosso cotidiano, nossas realizações, nossos objetivos a serem alcançados. Enfim não é a história contada nos livros ou deixadas em documentos como arquivo, é o nosso cotidiano árduo e vivido a cada instante de nossas vidas. E isto se dá tanto no nível individual como nas relações que se estabelecem socialmente.

A *intrahistória*, assim, aponta não para a história tradicional vinculada somente aos grandes, mas para a história que se passa incessantemente envolvendo todos e cada um da comunidade. Daí a obra de *Don Quijote de la Mancha* traz referências *intrahistóricas*, desde seu prólogo até as narrativas inseridas dentro da narrativa principal.

Agora, uma das várias citações que descreve a *intrahistória*, segundo a ótica de Miguel de Unamuno em sua obra *Paz en la Guerra*.

Los periódicos nada dicen de la vida silenciosa de los millones de hombres sin historia que a todas horas del día y en todos los países del globo se levantan a una hora del sol y van a sus campos a proseguir la oscura silenciosa labor cotidiana y eterna, esa labor que como la de las madreporas sub oceánicas echa las bases sobre que se alzan los lotes de la historia. Sobre el silencio Augusto, decía, se apoya y vive el sonido; sobre la inmensa humanidad silenciosa se levantan los que meten bulla en la historia. Esa vida *intrahistórica*, silenciosa continua como el fondo mismo del mar, es la sustancia del progreso, la verdad era tradición, la tradición eterna, no la tradición mentira que se suele ir a buscar al pasado enterrado en libros y papeles, y monumentos, y piedras. (UNAMUNO, 1999, p.17)

Podemos observar que a *intrahistória* é a nossa história silenciosa e íntima, como no exemplo citado do fundo do mar, que será tão silencioso e misterioso quanto os nossos sentimentos. O nosso trabalho é diário e árduo, muitas vezes sem reconhecimento e não é relatado nos jornais diários alguma manchete onde se destacam os trabalhadores, como estão trabalhando ou se precisam de algo.

No cotidiano os seres humanos vivem suas histórias, trabalhando, esperando por dias melhores, orando ou rezando, sofrendo e também gozando de seus objetivos alcançados. É como se fosse um catecismo do dia a dia, seguindo normas e tradições, é a história das nossas entranhas, que é chamada de *intrahistória*, que é a nossa história vivenciada de maneira geral ao nosso cotidiano. O instrumento

principal que se destaca é a nossa língua, que tem o poder de expressar esta *intra-história*, que vem de dentro.

A *intra-história* se irmana então à língua falada e desconstrói a história, pois conhecemos a história tradicional como documentos deixados e arquivados em livros ou anotações antigas de pessoas que viveram seu cotidiano e foram exemplos de vida e se destacam até os dias atuais.

A língua tem sentimentos e palavras que dá consentimento a filosofia e a religião, tornando o indivíduo racional, por que o homem é um animal que fala e se destaca na sua inteligência, sempre buscando a felicidade e sua liberdade, numa missão que o leva a um destino incerto cheio de dificuldades, mas que nunca vai desistir na primeira recaída, vai se levantar, erguer a cabeça e começar novamente e só assim vencerá.

O nosso íntimo transborda através da nossa *intra-história*, assim como o cotidiano, onde a linguagem se limita, mas os nossos sonhos não cessam, sempre estarão em construção a cada minuto, pois, temos que viver trabalhando, lutando e buscando algo para que os nossos sonhos e objetivos se tornem realidade, para que a nossa *intra-história* seja reconhecida.

Em seu livro “*Paz en la Guerra*” (1999), Unamuno descreve a história da *intra-história*, conta fatos importantes com singularidade com um traço narrativo e ao mesmo tempo revela a linguagem íntima e oficial das ruas, de pessoas reais que passam por dificuldades comuns na vida.

Portanto, querendo ou não, a história anda junta com a *intra-história*, porque precisamente passamos por fatos que serão ou não relatados. Nesse conceito, a valorização do ser humano em suas ações atribuídas decorrente de sua vida, serão de extrema importância para a formação da história do indivíduo.

Podemos relacionar *Don Quijote* com a *intra-história*, pois o mesmo tinha sonhos internos, prontos a serem realizados, conforme suas aventuras. Ele por sua vez tinha sua própria *intra-história*, universos íntimos, desvendados e vividos por ele e contados até os dias atuais. Ele tinha o desejo de consertar o mundo e se tornar imortal, um querer íntimo que o fazia nunca desistir, de fazer justiça do seu jeito, se

concentrando no seu egotismo¹, ou seja, o seu ego aflorado para ser melhor a cada dia e continuar lutando com o intuito de se tornar o salvador do mundo.

Quijote irradiava o mundo com sua determinação, coragem, criatividade, ingenuidade, boa vontade, inteligência, etc, inúmeras atribuições que não cessavam e sim aumentavam cada vez mais, isso é o que o tornou o grande homem *Don Quijote de la Mancha*, que está vivo até hoje. Ele sim conseguiu se tornar imortal como almejava, porque nunca desistiu, então que isso nos sirva de lição para nunca desistirmos de nossos objetivos e que nossa *intra-história*, seja e esteja a cada dia mais viva e sendo vivida nas nossas realidades e que quando olhemos para trás digamos, eu vivi e deixei legado, podemos até dizer, nossa imortalidade.

Como vimos, além de *Quijote* ter todas essas atribuições, ele ainda era considerado luz e espelho da cavalaria andante:

...A la fe, esto no nace de falta de habilidad, sino de sobra de pereza y penuria de discurso. ¿Queréis ver si es verdad lo que digo? Pues estad me atento y veréis como en un abrir y cerrar de ojos confundo todas vuestras dificultades y remedio todas las faltas que decís que os suspenden y acobardan para dejar de sacar a la luz del mundo la historia de vuestro famoso *Don Quijote*, luz y espejo de toda la cavallería andante. (CERVANTES, 2004, p.10)

Como podemos ver, *Don Quijote* era considerado luz e espelho de toda a cavalaria andante, ele se envolvia consigo mesmo entre sua razão e também emoção conforme os fatos que vivia ou estavam ainda por vir, refletia luz por ter um pensamento além do seu tempo, enxergava além do olhar, tinha perspectiva de melhorias para o mundo e sempre com positividade em suas ações.

Na obra de *Quijote*, aparecem várias vezes essas expressões luz e espelho de toda a cavalaria, o que podemos entender é que espelha toda a bravura de um cavaleiro, se tornando um herói.

Pensar em *Quijote* como um reflexo, é se espelhar na pessoa que ele representava na época e representa até os dias de hoje, um homem simples e de garra com sede de vitória e em busca de defender todos que estavam à espera de

¹ Vale destacar que Unamuno usa o termo egotismo para referir-se à valorização do “ser”, em oposição ao egoísmo, que se embasa apenas no “ter” parecer.

ajuda. Eis seus desejos: “acertar o mundo e obter eterna fama” (CERVANTES, 2004), uma tarefa realmente quixotesca.

3. O CARÁTER E O DESEJO QUIXOTESCO

Em um lugar de *La Mancha*, nasce um homem chamado Alonso Quijano, seu nome original de Batismo. Era pobre, de bom coração e tinha consigo muitos sonhos, diz-se que perdeu o juízo por tanto ler livros de cavalarias, almejando ser um cavaleiro andante.

Nesse exato momento que Alonso se intitula como cavaleiro, o mesmo cria um nome e passa a ser chamado como *Don Quijote de la Mancha*, uma criação de sua imaginação, de seu querer.

Don Quijote é um personagem autônomo que pode se tornar o que quiser, tomando decisões, como no exemplo de convocar um fiel escudeiro. Unamuno revela que *Don Quijote* vive como se tivesse uma missão a ser seguida, um herói que deixa de lado sua solidão para seguir aventuras com *Sancho*.

Primeiramente, vamos conhecer o fidalgo Alonso Quijano, conhecido como *Don Quijote de la Mancha*. Nada se sabe sobre seus pais, avós, nem de sua juventude, etc. Alonso Quijano era conhecido como “Alonso el bueno”, ou seja, “Alonso o bom”, vivia em uma terra pobre, abandonada, seca, que nem frutos dava direito.

A situação era muito precária, mas isso nunca tirou dele a sua essência de ser um homem de coração bom, seu físico era magro, não tinha aquela aparência dos cavaleiros fortes, bonitos, que ele tanto lia em seus livros. Mesmo sendo um pouco melancólico, nunca deixou de sonhar e queria a todo custo tornar realidade as aventuras que ele tanto lia em seus livros de cavalaria.

Alonso não buscava riqueza, apenas nome e fama, ser reconhecido como *Don Quijote de la Mancha*, salvando o mundo com sua determinação e bravura. Ele perdeu o juízo como Alonso Quijano para ganhar um juízo glorificado como *Don Quijote*. Como todo herói, busca glória, nome reconhecido e fama. Alonso queria ser eterno como *Don Quijote* e conseguiu. Até os dias atuais sua obra é lida por milhares de pessoas em todo o mundo e não é à toa que é um marco na literatura espanhola.

Toda vida heroica o santa corrió siempre en pos de la gloria, temporal o eterna, terrena o celestial. No creáis a quienes os digan que buscan el bien por el bien mismo, sin esperanza de recompensa; de ser ello verdad, serían sus almas como cuerpos sin peso, puramente aparentes. Para conservar y acrecentarla especie humana se nos dio el instinto y sentimiento del amor entre mujer y hombre; para enriquecerla con grandes obras se nos dio la ambición de gloria. Lo sobre humano de la perfección toca en lo inhumano, y en ello se hunde (UNAMUNO, 2005, p.53-54).

O fidalgo sempre lia que os cavaleiros tinham suas damas, que os esperavam depois de suas batalhas, então ele também queria uma donzela para apaixonar-se. Antes ele gostava de uma moça lavradora que se chamava Aldonza Lorenzo, de muito bom parecer, mas que jamais deu esperança para Alonso, ele buscou essa imagem de Aldonza e a encarnou em sua donzela Dulcinéia del Toboso e assim prosseguiu em suas bravuras, dedicando suas vitórias ao seu grande amor Dulcinéia.

Seu amor por Dulcinéia era tão forte que ele a via em todas as mulheres, ele criou-a em sua imaginação, e levava sempre consigo esse amor platônico e venerável. Segundo Unamuno, Dulcinéia era como uma glória encarnada, como um símbolo.

...Y después de esto buscó dama de quien enamorarse. Y en la imagen de Aldonza Lorenzo, moza labradora de muy buen parecer, de quien él tiempo anduvo enamorado, aunque, según se entiende, ella jamás lo supo ni se dio cata de ello, encarnó la gloria y la llamó Dulcinea del Toboso (UNAMUNO, 2005, p.50).

No entanto, além do nome *Don Quijote* e da amada Dulcinéia (uma espécie de musa inspiradora), ele só seria cavaleiro de verdade para seguir em suas aventuras se realmente recebesse o título da cavalaria:

Mas lo que más le fatigaba era el no verse armado caballero, por parecerle que no podría poner legítimamente en aventura alguna sin recibirla orden de caballería. Y decidió hacerlo. Va Alonso Quijano a recibir su caballeresco bautismo como *Don Quijote*. Y así, ahincó ambos hinojos ante el ventero pidiéndole un don, que le fue otorgado, cual fue el de que le armara caballero, y prometiendo velar aquella noche las armas en la capilla del castillo. Y el ventero por tener que reír aquella noche, determinó de seguirle el humor, por donde se ve que era uno de estos que toman al mundo en espectáculo, cosa natural en quien estaba hecho a tanto trajín y trasiego de yentes y vinientes. (UNAMUNO, 2005, p. 56, 57).

Vale destacar que *Don Quijote* acreditava estar num castelo, mas na verdade era uma taberna, onde ficavam as prostitutas (para ele, donzelas). Em seu castelo imaginário teria que passar uma noite para se tornar cavaleiro, então assim o fez. É interessante destacar que com sua bondade ele consegue ver o lado bom das coisas em imaginar que a vendinha é um castelo e as prostitutas sejam donzelas, ele tem uma visão do belo através do feio, isso é ver a vida de outra forma e com outros olhos com muita sensibilidade e pureza.

Don Quijote não era um homem burro e sim muito inteligente, que parecia ter perdido o juízo, mas ainda falava palavras sábias, tanto para a pessoa que o seguia, que no caso era *Sancho Panza*, como para as que o encontrava no decorrer de sua vida no entorno de suas aventuras. Daí a pertinência de seu epíteto como “O Cavaleiro da Triste Figura”. Afinal, quanto mais se conhece, mais se sofre.

3.1.Uma possível pintura de Don Quijote

No texto Unamuniano *El Caballero de la Triste Figura* (1945), o objetivo é pintar a figura de *Don Quijote*, que até então não teria sido pintada. Segundo Unamuno, a imagem de *Don Quijote* teria que ser pintada de acordo com as características descritas pelo historiador *Cide Hamete Benengeli*, citado na obra de Cervantes.

Conforme o narrador em *Don Quijote de la Mancha*, a obra cervantina constitui uma tradução fictícia do texto original, escrito em árabe, de um historiador chamado *Cide Hamete Benengeli*. Unamuno embarca na viagem de Cervantes e, por isso, defende o respeito à imagem do protagonista observando a obra original.

Para Unamuno, o pintor de *Quijote* teria a missão de pintá-lo retratando sua imagem viva e não apenas abstrata (daí a importância de se basear em uma fonte “histórica”), tendo que mostrar *Don Quijote* na sua real imagem como um homem profundo, verdadeiro e de uma força admirável, que se torna um símbolo vivo, sempre buscando ideais, para torná-los reais.

Quijote deveria ser pintado com muito cuidado seus característicos traços físicos, teria que ser frisada a idade, que era de cinquenta anos, magro, cor amarelada, alto, inteligente, gentil, melancólico, gostava de usar bigodes grandes, etc.

A armadura de *Don Quijote* se torna um disfarce em que Alonso Quijano se torna o grande *Don Quijote*, antes de partir para suas aventuras, ele limpa a armadura que pertenceu a seus bisavós, a mesma um pouco desigual, se tornando cada vez mais grotesca à medida que ele coloca os objetos peregrinos.

Quijote sem a armadura não seria aquele herói que ele tanto imaginava (era apenas Alonso), por isso, para se tornar o grande *Don Quijote*, ele teria que vestir sua armadura, que era essencial para o seu mundo “lúdico”. Como todo cavaleiro que se preze tem que ter armadura e um cavalo, sem o qual ele não poderia ter percorrido *La Mancha* em busca de aventuras, ele se tornava um cavaleiro completo, como lia em seus livros de cavalarias.

Don Quijote colocou o nome de seu cavalo Rocinante, porque seria o primeiro de todos os rocins do mundo e também por ser um nome sonoro e alto. Não era um cavalo de raça espetacular e trabalhador, mas era um companheiro para *Quijote*, assim como *Sancho*, Rocinante tinha um espírito valente, junto ao seu cavaleiro.

Um trecho interessante no começo do livro unamuniano *El Caballero de la Triste Figura* é quando se retoma a cena em que *Sancho*, conversando com *Quijote*, fala de uma pintura onde é difícil reconhecer o que se representa, a ponto de o pintor ter colocado embaixo de sua obra a declaração “isso é um gallo”.

A figura estava tão diferente do original que foi preciso destacar o que era a imagem. Para Unamuno, *Quijote* teria que existir e ser reconhecido para que, quando as pessoas olhassem a sua pintura, realmente dissessem, sem dúvida alguma: essa pintura é de *Don Quijote de la Mancha*.

Yo apostaré, dijo Sancho, que antes de mucho tiempo no ha de haber bodegón, venta, ni mesón o tienda de barbero, donde no ande pintada la historia de nuestras hazañas; pero quería yo que la pintasen manos de otro mejor pintor que el que ha pintado a éstas. Tienes razón, Sancho, dijo *Don Quijote*; porque este pintor es como Orbaneja, un pintor que estaba en Úbeda, que cuando le preguntaban qué pintaba, respondía: lo que saliere: y sí por ventura pintaba un gallo, escribía debajo: *este es gallo*; porque no pensasen que era zorra. (UNAMUNO, 1945, p.2)

Acima citado, entendemos que uma pintura tenha originalidade, para ser realmente revelada a imagem a ser mostrada. Nesse caso os personagens novelescos brotam da fantasia virgem de seus autores e já outros são mostrados com uma fantasia mais fecunda e própria. *Don Quijote* é mais fecundo, vivo, com face, cores e estatura de um corpo encarnado em uma alma castelhana. *Quijote* em

sua pintura trazia uma imagem triste, seu semblante estava tão aguçado de melancolia que até *Sancho* o batizou como o cavaleiro da triste figura. As pessoas (leitores, espectadores) viam a tristeza que *Quijote* trazia consigo, e perceberem seu espírito imenso, empenhado a salvar o mundo.

Cabe destacar que a tristeza de *Don Quijote* não era de egoísmo sentimental, mas sim por ser um lutador designado à sorte, querendo mudar o mundo com suas próprias mãos. Sua frustração e tristeza eram porque o mundo não estava de acordo com o que ele idealizava, teria que enfrentá-lo, e suas condições não eram tão boas.

Não era um homem bonito, mas sua formosura vinha do seu coração, que resplandecia sua bondade, então “El hombre y El oso, cuanto más feo, más hermoso” (UNAMUNO, 1945, p.28). “O homem e o urso, quanto mais feio, mais bonito” (UNAMUNO, 1945, p.28).

Para sermos bonitos, não precisamos ter uma beleza humana física e sim deixar se revelar de dentro de nós a bondade de um homem racional e social que resplandece a sua inteligência. Talvez um dia o mais formoso seja aquele que tenha uma alma mais formosa.

El hombre que se parezca más y menos a sí mismo – decía Lavater-, aquel cuyo carácter sea más simple y más variado a la vez, más constante y más desigual, aquel que a pesar de su viveza y gran actividad esté siempre concorde consigo mismo, cuyos rasgos más móviles no pierdan jamás el carácter de firmeza que distingue a su conjunto, tal hombre sea sagrado para vosotros (UNAMUNO, 1945, p.32).

Um caráter como de *Don Quijote* revela tanta pureza como a de uma criança, ora alegre, ora triste, com semblante sereno, destaca-se como um espelho limpo, resplandecendo a alma de um herói. Seus trajes não demonstravam riqueza, nem esnobação, nem muito menos um traje de elegância, era considerado como uma armadura para defender as pessoas indefesas, que precisavam de sua ajuda, apenas trajes simples de um cavaleiro.

Assim, o pintor teria que retratar com mais fervor a força de sua verdade, sua fé, seu heroísmo, crendo que chegará a uma filosofia quixotesca, para que deste modo proporcione a todos que virem a imagem de sua figura a visão intensa e profunda.

Se Unamuno defendeu este registro visual de *Quijote*, nada melhor que trazer alguns trechos de seu relato para buscar entender melhor sua natureza íntima, sua *intrahistória*, que, para Unamuno, deveria refletir-se em sua imagem. Daí retomarmos alguns capítulos que consideramos extremamente importantes na obra².

² Devido à brevidade deste trabalho e à grande extensão da obra cervantina, ainda que todos os capítulos de *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* sejam de suma importância, tivemos que optar por alguns conforme as temáticas selecionadas.

4. ALGUNS EPISÓDIOS DA OBRA

4.1. O Prólogo

Destacaremos alguns episódios da obra *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* para um melhor entendimento. Começaremos pelo **Prólogo** que relata a primeira ênfase do Autor ao seu leitor.

Desocupado lector: sin juramento me podrás creer que quisiera que este libro, como hijo del entendimiento, fuera el más hermoso, el más gallardo y más discreto que pudiera imaginarse. Pero no he podido yo contravenir al orden de naturaleza, que en ella cada cosa engendra su semejante. Y así, ¿qué podía engendrar el estéril y mal cultivado ingenio mío, sino la historia de un hijo seco, avellanado, antojadizo y lleno de pensamientos varios y nunca imaginados de otro alguno, bien como quien se engendró en una cárcel, donde toda incomodidad tiene su asiento y donde todo triste ruido hace su habitación? El sosiego, el lugar apacible, la amenidad de los campos, la serenidad de los cielos, el murmurar de las fuentes, la quietud del espíritu son grande parte para que las musas más estériles se muestren fecundas y ofrezcan partos al mundo que le colmen de maravilla y de contento. (CERVANTES, 2004, p.7)

A voz do autor relata, que o leitor tem que estar com a mente desocupada, para assim entrar no mundo da leitura daquela determinada história, pois, a interpretará melhor. Ele fala ao leitor que sua obra será como o filho do entendimento, queria que fosse o mais formoso e agradável que já havia visto, mas não é o que realmente acontece.

O autor descreve neste trecho do prólogo, que seu filho seria mal cultivado, como se não existisse na obra por ser estéril, e como se fosse à obra sem muito conteúdo. Cada autor passa para suas obras um pouco dele ou o que ele não é, ou queria ser, é como se quisesse revelar nas suas obras o seu desejo interno. E esta declaração encontramos, de certo modo, no prólogo, e de modo irônico.

Cabe destacar que a primeira palavra do prólogo é “desocupado”, que caracteriza o leitor. Gramaticalmente, este vocábulo tem o prefixo “des” antecedendo “ocupado”, significando que o indivíduo terá que estar sem ocupação alguma, deve estar com a mente livre para compreender melhor aquela determinada obra.

É tanto, que quando vamos ler algo, nos identificamos com os personagens, viajamos como se estivéssemos na própria obra contada, até sonhamos com aquele

determinado local ou com a natureza ou ambiente, etc. Quando um autor escreve uma obra, ele põe sua alma nela, por isso, que a obra se torna cada vez mais real, porque é também experiência de vida.

4.2. O 1º Capítulo

Seguindo o raciocínio, no primeiro capítulo, podemos observar o lugar de sua origem e pelo qual tanto lutou e tentou vencer para salvar a humanidade.

En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza en estillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor. Una olla de algo más vaca que carnero, salpicón las más noches, duelos y quebrantos los sábados, lantejas los viernes, algún palomino de añadidura los domingos, consumían las tres partes de su hacienda. El resto de ella concluían sayo de velarte, calzas de velludo para las fiestas, con sus pantuflos de lo mismo, y los días de entre semana se honraba con su vellorí de lo más fino. Tenía en su casa una ama que pasaba de los cuarenta y una sobrina que no llegaba a los veinte y un mozo de campo y plaza que así ensillaba el rocín como tomaba la podadera. Frisaba la edad de nuestro hidalgo con los cincuenta años. Era de complexión recia, seco de carnes, enjuto de rostro, gran madrugador y amigo del caza. Quieren decir que tenía el sobrenombre de “Quijada”, o “Quesada”, que en esto hay alguna diferencia en los autores que de este caso escriben, aunque por conjeturas verisímiles se deja entender que se llamaba “Quijana”. (CERVANTES, 2004, p.27)

Nesse trecho podemos observar que o autor não descreve perfeitamente o lugar onde *Don Quijote* vivia, sendo assim, torna-se uma característica da própria obra. O autor relata que não importa descrever o lugar e sim narrar a vida de *Quijote*, então o que é mais importante na obra é a vida do fidalgo e suas aventuras não o tempo, lugar ou espaço onde o mesmo vivia, apenas o autor teria que descrever que ele deveria viver em algum lugar, mas sem precisar especificar este lugar, mas comenta sobre sua alimentação que era precária e suas vestimentas simples, seu físico que era magro e que aparentava uns cinqüenta anos de idade.

A palavra “seco de carnes”, significa a princípio seu aspecto físico, ou seja, no caso o mesmo era magro, lhe faltava carne e osso, *Quijote* segundo o autor não se alimentava bem, seu dinheiro preferia guardar para comprar livros de cavalaria, então passava necessidades digamos assim, pois sua alimentação deixava a desejar.

Mas *Quijote* não era só “seco de carnes”, também lhe “secou o cérebro”. Conforme a narrativa, esta segura provocou a perda de juízo. Perder o juízo é perder

a capacidade de julgar. Não foi por acaso que Unamuno titulou *Quijote* como Cristo Espanhol, pois, o mesmo agia com muita sabedoria e genialidade e não julgava as pessoas, como podemos citar o exemplo de Jesus Cristo. “*Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra*”. (BÍBLIA, João 8,7).

Para julgar uma pessoa temos que ser perfeitos, nesse caso não podemos jamais julgar. O julgamento pressupõe muitas vezes uma percepção superficial, aparente. Para Unamuno, *Quijote* ultrapassa o mundo das aparências e é capaz de ver o que ninguém vê, como se exemplifica também no item seguinte.

4.3. Os Moinhos de Vento

A história começa quando *Don Quijote* avista uns moinhos de vento, mas que para ele não eram moinhos, e sim gigantes ameaçadores, sua visão era tão tosca que os viam com braços enormes para derrubá-lo e vencê-lo, não eram braços pelo contrário eram as pás que se movimentavam para o vento.

Sancho dizia para *Quijote* que eram moinhos de vento, mas ele dizia que eram gigantes e que ele estava fraco do juízo, pois, ele não estava vendo que eram gigantes ameaçadores e tinha que lutar contra eles para o bem de todos, pediu a *Sancho* que o ajudasse e se não quisesse podia se afastar que o mesmo daria conta da batalha, saiu ao encontro dos gigantes e foi arremessado longe e ficou ferido, mas ainda disse que achava que os gigantes eram fortes demais para derrotá-los, por ser uma luta desigual, não havia conseguido vencer, mas havia tentado. Um trecho desta façanha:

- “¿Qué gigantes?”- dijo Sancho Panza.
- Aquellos que allí ves- respondió su amo-, de los brazos largos, que los suelen tener algunos de casi dos leguas.
- Mire vuestra merced –respondió Sancho -que aquellos que allí se parecen no son gigantes, sino molinos de viento, y lo que en ellos parecen brazos son las aspas, que, volteadas del viento, hacen andar la piedra del molino.
- Bien parece –respondió Don Quijote- que no estás cursado en esto de las aventuras: ellos son gigantes; y si tienes miedo quítate de ahí, y ponte en oración en el espacio que yo voy a entrar con ellos en fiera y desigual batalla. (CERVANTES, 2004, p.75)

Observemos que *Quijote* nas suas aventuras sempre vê o que os outros não vêem, sua visão é tão criativa como a de uma criança. Podemos perceber que *Quijote* não vê os moinhos como máquinas e sim como pessoas gigantes que são uma ameaça à humanidade, o coração dele não enxerga a máquina e sim a maldade que pode causar.

Voltemos agora a um breve trecho da obra de *Quijote* no primeiro capítulo que descreve um gigante:

Decía mucho bien del gigante Morgante, porque, con ser de aquella generación gigantea, que todos son soberbios y descomedidos, él solo era afable y bien criado. Pero, sobre todos, estaba bien con Reinaldos de Montalbán, y más cuando en allende robó aquel ídolo de Mahoma que era todo de oro, según dice su historia. (CERVANTES, 2004, p.30)

Nesse trecho, podemos perceber que a princípio os gigantes são todos soberbos, mas que existia um gigante diferente chamado Morgante que aparentava ser muito amável. Logo em seguida o trecho traz o contrário desta concepção, pois, já no final é relatado um roubo, que no caso acham que seria causado pelo gigante. Com isso, ficou no ar, a primeira impressão dos gigantes, e que eles nunca seriam bons, continuariam sempre soberbos e cruéis.

Nessa aventura dos moinhos, *Quijote* fala que são gigantes e não moinhos, porque ele vê naqueles gigantes, não um gigante de carne e osso e sim a maldade, a soberba, a prepotência, etc. Ele luta contra esses princípios na verdade, que lhe transparecem como gigantes. Existem contos que relatavam gigantes, mas na percepção de *Quijote*, já não se tratava de um relato de gigantes e sim da maldade desmedida que existe no nosso mundo, conforme indícios da própria obra, da prepotência e da soberba.

Tenía razón el caballero: el miedo y sólo el miedo le hacía a Sancho y nos hace a los demás simples mortales ver molinos de viento en los desaforados gigantes que siembran mal por la tierra. Aquellos molinos molían pan, y de ese pan comían hombres endurecidos en la ceguera. Hoy no se nos aparecen ya como molinos, sino como locomotoras [...] pero conspiran al mismo dano. (UNAMUNO, 2005, p.74)

A crítica nesse trecho é referente à modernização das máquinas, porque quanto mais o mundo se moderniza estamos sujeitos a mudanças, umas talvez nem tanto, mas outras às vezes parecem bruscas demais.

Nesse trecho, Unamuno se referia aos moinhos como máquinas gigantes capazes de fazerem estragos à humanidade e não estava errado, por que as máquinas nos trazem agilidade, comodidade, etc.

Mas por outro lado podem causar desemprego, insatisfação do ser humano em suas atividades normais e artesanais, enfim a modernidade às vezes assusta e nos faz refletir sobre facilidades como também dificuldades na hora de manusear as máquinas, então tem que se ter bastante cuidado referente a tanta modernização.

Podemos perceber que o novo sempre é estranho até nos acostumarmos, a modernização nos traz esse medo referente a novas descobertas. O ser humano devido a tantas diversidades tecnológicas se torna sujeito a usá-las e até correndo o risco de acomodar-se.

Mas na época de *Quijote*, não existiam tantas tecnologias como existem atualmente, mas o medo referente aos avanços existia para alguns, mas não para *Quijote* que não tinha medo de avançar e lutar para ver um mundo melhor. É isso que o herói faz, cuida de todos sem medo, luta até o fim com unhas e dentes bem afiados, sempre visando o melhor pra todos.

Na época que começou a Revolução Industrial em meados do século XVIII, ocorreu um grande avanço capitalista, no qual as máquinas se destacaram na produção de mercadorias, diminuindo a quantidade de mão- de- obra humana nas indústrias.

O excesso de máquinas acabou por “maquinizar”³ as pessoas e conseqüentemente as relações, nós sabemos que a modernização existe, na atualidade dependemos de tecnologias, mas nunca podemos esquecer nosso lado sentimental ou emocional que move nossas vidas diante de tantos conhecimentos adquiridos e de tantas experiências vivenciadas.

Podemos relacionar simplesmente esse sentimento em *Quijote*, pois, era movido pelo sentimento, nem vivia como uma máquina, vivia, sentia tudo ao seu

³ “Maquinizar” (Ser Humano como máquina) é um neologismo, ou seja, significa atribuir novos significados ou sentidos, a palavras ou expressões já existentes na língua.

redor e sempre queria vencer ajudando os outros, que hoje em dia se torna uma raridade, a caridade também fazia parte da vida de *Quijote*, por isso por onde ele passava deixava marcas boas de solidariedade.

Outro trecho bem inusitado no capítulo dos moinhos de vento foi quando *Quijote* encontrou uns frades e achou que eles fossem pessoas endiabradas.

- Gente endiablada y descomunal, dejad luego al punto las altas princesas que en ese coche lleváis forzadas; si no, aparejaos a recibir presta muerte, por justo castigo de vuestras malas obras.

Detuvieron los frailes las riendas, y quedaron admirados así de la figura de *Don Quijote* como de sus razones, a las cuales respondieron:

- Señor caballero, nosotros no somos endiablados ni descomunales, sino dos religiosos de San Benito que vamos nuestro camino, y no sabemos si en este coche vienen o no ningunas forzadas princesas.

- Para conmigo no hay palabras blandas, que ya yo los conosco, fementida canalla – dijo *Don Quijote*.

Y sin esperar más respuesta picó a Rocinante y, la lanza baja, arremetió contra el primero fraile, con tanta furia y denuedo, que si el fraile no se dejara caer de la mula él le hiciera venir al suelo mal de su grado, y aun mal herido, si no caer muerto.

El segundo religioso, que vio del modo que trataban a su compañero, puso piernas al castillo de su buena mula, y comenzó a correr por aquella campaña, más ligero que el mismo viento. (CERVANTES, 2004, p.80)

As figuras religiosas estão muito presentes na obra cervantina. Vale, pois, contextualizar brevemente a história produzida na inquisição através de nossos conhecimentos gerais. Podemos descrever que na época da Inquisição em meados do século XVII, naquele tempo a Igreja Católica é quem dominava a sociedade, ditava as regras, do que era certo ou errado, mas sabemos que a própria Igreja e seus sacerdotes, praticavam vários crimes contra sociedade e tudo era feito no mais absoluto sigilo, pois teriam que passar de santos para que os fossem seguidos como corretos.

Um tempo de inúmeras mortes com crueldade, pessoas sendo mortas sem se quer ter algum tipo de julgamento ou coisa parecida, padres praticando pedofilia, homossexualismo, quebrando seus votos religiosos, enfim um terror geral em torno de uma sociedade sujeita a Igreja.

Nos dias atuais a Igreja Católica sobrevive, devido seus antepassados ainda é muito criticada em relação aos seus crimes antigos ou erros do passado como queiram se expressar, não querendo ditar qual Igreja é a correta e sim mostrando a

realidade na qual vivemos nos dias atuais e hoje podemos estar sujeitos de algo parecido, mas jamais cegos como antigamente, hoje nossa sociedade tem direitos como também deveres, e isto nos tornam capazes de ir e vir como assim desejarmos.

Existem várias Igrejas, cada uma querendo ser a melhor, com seus fiéis tentando seguir o correto para que sejam pessoas realmente de bem. Com isso, podemos observar que na realidade, o que importa é seguir a Deus e não nos sujeitarmos a qualquer norma.

Nessa busca de sermos melhores a cada dia é que buscamos o conhecimento, através de pesquisas, estudos com a ajuda de livros e assim por diante. Mas, nos séculos que *Quijote* viveu, o conhecimento era muito restrito, apenas uma minoria tinha acesso.

Mas esse saber foi descoberto e várias pessoas passaram a ter o hábito de ler, com isso seus conhecimentos ficaram mais aguçados para poderem distinguir o que achava certo ou errado e passaram a ter opinião própria o que causou insatisfação da Elite.

- Pues en verdad - dijo el cura - que no le ha de valer al hijo la bondad del padre. Tomad, señora ama, abrid esa ventana y echad le al corral, y dé principio al montón de la hoguera que se ha de hacer. (CERVANTES, 2004, p.61)

No trecho acima é relatada uma fogueira, a mesma significa a queima de pilhas e mais pilhas de livros que foram considerados impróprios para a sociedade, não poderiam ser lidos, muito menos passados adiante, nesse caso os padres acharam melhor queimar. Os livros naquela época eram considerados como epidemias, como doença, que tinha de ser tratada e curada.

A elite não admitia que os menos favorecidos tivessem esse conhecimento isso machucaria o ego da mesma, que estavam acima da ordem naquela época. Um absurdo com certeza, um conhecimento sendo tratado como doença é inaceitável. Sendo assim, para solucionar o problema, era muito conveniente queimar os livros, apenas desta maneira a sociedade se tornaria leiga e continuaria servindo sem reclamar ou ao menos saber como se defender, se tornando uma sociedade com inúmeros problemas com pouca salvação, ou seja, sem solução.

Assim *Quijote* entra na ficção como uma solução desses problemas numa espécie de salvador, sendo considerado o Cristo Espanhol por Miguel de Unamuno. *Quijote* sempre pensou no próximo e na salvação do mundo em prol da humanidade.

Daí sempre defender os “fracos” e certamente não compartilhar da destruição da sabedoria livresca pelo fogo, por isso a busca de encarnar estas histórias, a *Penitência da Serra Morena* reforça o íntimo deste personagem, conforme prima a *intra-história* unamuniana.

4.4. Penitência da Serra Morena

Essa aventura começa quando *Don Quijote* ouve falar de um cavaleiro que existe em Serra Morena. Ao saber das histórias, foi em busca dessa aventura para ver o que realmente estava acontecendo; chegando ao local, achou deslumbrante como o lugar era lindo, com pastos verdes que não conseguia parar de admirar.

Foi seguindo seu trajeto, e em resumo, conheceu Cardênio que era de família nobre, que o tratou muito bem por sinal, ao contrário de muitos que já o consideravam louco nem davam mais tanta atenção a *Quijote*. Cardênio tinha um imenso amor por uma moça chamada Luscinda, a moça era muito apaixonada pelos livros sobre cavalaria em que o protagonista era o cavaleiro Amadís.

Dizia que ele valorizava o interior, o verdadeiro valor das pessoas, do amor que sentia, dentre outros sentimentos, assim, Luscinda não falava em outra coisa senão nas aventuras e façanhas de Amadís.

Com isso, *Quijote* foi ficando fascinado pelo cavaleiro Amadís de Gaula e descobriu que ele havia vencido muitas batalhas, que tinha um amor inabalável por uma donzela chamada Oriana, valorizava seus sentimentos e não desistia jamais de seus objetivos. Com isso, cada vez mais *Quijote* se sentiu mais parecido com Amadís e começou a se espelhar no mesmo, era tudo que ele desejava naquele momento.

4.4.1 Amadís de Gaula

Na aventura da penitência em Serra Morena, podemos observar que *Quijote* demonstra com muita força seu imenso amor por Dulcinéia.

Vejamos um trecho em que *Quijote* cita Amadís de Gaula e relata novamente seu amor por Dulcinéia:

Porque mi Dulcinea del Toboso osaré yo jurar que no ha visto en todos los días de su vida moro alguno, así como él es, en su mismo traje, y que se está hoy como la madre que la parió; y haría le agravio manifiesto, si imaginando otra cosa de ella me volviese loco de aquel género de locura de Roldán el furioso. Por otra parte, veo que Amadís de Gaula, sin perder el juicio y sin hacer locuras, alcanzó tanta fama de enamorado como el que más, porque lo que hizo, según su historia, no fue más de que por verse desdeñado de su señora Oriana, que le había mandado que no pareciese ante su presencia hasta que fuese su voluntad [...] (CERVANTES, 2004, p.249)

Podemos observar que *Quijote* se refere à Amadís de Gaula, dizendo que Amadís também sofreu por amor, amava Oriana e foi rejeitado e nem por isso teria perdido o juízo ou deixado de amá-la. Ambos os cavaleiros não desistiam de lutar, e o amor por suas donzelas era o que os movia. Amadís era naquela época considerado o cavaleiro mais famoso dos livros de cavalaria e sua versão original é portuguesa.

Amadís não se limitava, ele gostava de interagir com as inquietudes da vida medieval. Seu mito heróico era contado em todos os lugares, até mesmo nas escolas como exemplo de coragem e determinação. As primeiras novelas ainda não eram com o nome de Amadís e sim Doncel del Mar, se tratava dele armando-se cavaleiro pelo seu pai, depois foi que as aventuras se fixaram em Amadís de Gaula.

Quijote se inspira e se espelha em Amadís de Gaula que ganhou destaque por ser um personagem muito importante dos livros de cavalaria da época, foi criado por um autor desconhecido, ficou muito famoso por governar e lutar pelo seu povo com sabedoria e respeito, sendo filho adotivo do Rei Perión de Gaula e da Princesa Elisena da Gran Bretanha, era considerado um dos mais perfeitos cavaleiros andantes da época.

As histórias de Amadís nos livros de cavalaria se inicia quando ele conhece a Princesa Oriana da Gran Bretanha, filha de Lisiarte Rei da Gran Bretanha, começa a galantear Oriana e se apaixona, ele segue suas aventuras com bravura e leva seu

amor por Oriana em seu coração, depois regressa e se casa com sua amada, tornar-se Príncipe na “Ínsula firme” e tem um filho chamado Esplandián, no leito de morte, ele recorda suas aventuras satisfeito pelo dever cumprido. (AMATISTA LUZ, 2013)

Quijote não almejou algumas coisas como Amadís, tornar-se príncipe e governar seu povo, para melhorar o mundo. Suas aventuras sempre tinham o mesmo fundamento, restituição de terras ou reinos. O objetivo de Amadís em conquistar reinos era tanto que resgatou o reino de seu pai duas vezes o de Lisuarte três vezes e o de Tafinor uma vez, assim podemos notar que Amadís restituía mesmo reinos de seus legítimos sucessores. Contudo, Amadís com sua masculinidade lutava pelo seu interesse pessoal, pelo amor e pela glória.

O que une os dois cavaleiros andantes é principalmente a intensidade do que levam dentro de si, suas *intra-histórias*, especialmente no tocante às suas amadas inspiradoras.

4.4.2. Dulcinéia de Toboso

A amada de *Quijote* serve como musa inspiradora, é uma personagem de verdade que existe na obra conhecida como Aldonza Lorenzo, uma lavradora simples e modesta, mas que conforme a obra vai crescendo a personagem fictícia vai aparecendo e passa a se chamar Dulcinéia, um amor platônico de *Quijote* que vai ganhando importância na obra.

!Oh Dulcinea del Toboso, día de mi noche, gloria de mi pena, norte de mis caminos, estrella de mi ventura: así el cielo te la dé buena en cuanto acertares a pedirle, que consideres el lugar y el estado a que tu ausencia me ha conducido y que con buen término correspondas al que a mi fe se le debe!

!Oh solitarios árboles, que desde hoy en adelante habéis de hacer compañía a mi soledad, dad indicio con el blando movimiento de vuestras ramas que no os desagrade mi presencia!

!Oh tú, escudero mío, agradable compañero en mis prósperos y adversos sucesos, toma bien en la memoria lo que aquí me verás hacer, para que lo cuentes y recites a la causa total de todo ello ! (CERVANTES, 2004, p.238)

Quijote nesta citação descreve sua solidão e a compara com as árvores solitárias que existem na natureza, seu amor por Dulcinéia é tão impossível que ele mesmo se depara sozinho em meio a tantas aventuras, por que lhe falta seu amor Dulcinéia, ele a ama, mas não consegue aproveitar esse amor, pois o sentimento apenas existe em seu coração, não é concreto.

Essa solidão de *Quijote* é marco de muitos heróis, pois, eles seguem com um amor impossível e nunca concreto. Podemos observar que até nos filmes, nos livros, etc, é difícil um herói formar família, vive para salvar o mundo, não se torna pai, porque não pode estar sempre ao lado, é um sacrifício que os heróis vivem na condição de nunca poder viver seus amores ou paixões, pois, sempre estão ocupados, “salvando” o mundo.

Nesse sacrifício de “salvar o mundo”, os heróis na ficção não podem formar família, já na vida real podemos citar os padres e freiras, pois, optam por suas vidas religiosas, e ficam sem viver amores ou paixões e até formar uma família. A opção exige sacrifício devido à sua religião, servindo de exemplo para os outros seres humanos, agindo corretamente na busca da fé.

Quijote sempre demonstrava seus sentimentos aflorados, com isso não poderia deixar de comentar três coisas que ele admirava, em primeiro lugar está sua amada Dulcinéia, em segundo a natureza onde vivia rodeado em suas aventuras, em terceiro e último seu fiel escudeiro *Sancho Panza*.

No capítulo XXIII da obra de Miguel de Cervantes, destaca-se *A penitência da Serra Morena*, no qual *Quijote* registra seus sentimentos por Dulcinéia, em forma de carta. (CARTA DE DON QUIJOTE A DULCINEA DEL TOBOSO)

Soberana y alta señora:

El ferido de punta de ausencia y el llagado de las telas del corazón, dulcísima Dulcinea del Toboso, te envía la salud que él no tiene. Si tu ferrosura me desprecia, si tu valor no es en mi pro, si tus desdenes son en mi afincamiento, maguer que yo sea asaz de sufrido, mal podré sostenerme en esta cuita, que, además de ser fuerte, es muy duradera.

Mi buen escudero Sancho te dará entera relación, ! Oh bella ingrata, amada enemiga mía !, del modo que por tu causa quedo: si gustares de acorrerme, tuyo soy; y si no, haz lo que te viniere en gusto, que con acabar mi vida habré satisfecho a tu crueldad y a mi deseo. Tuyo hasta la muerte, El Caballero de la Triste Figura. (CERVANTES, 2004, p.245)

Nesta carta, o sacrifício que *Quijote* faz por seu amor é tanto que comparamos a um amor incondicional de uma mãe pelos seus filhos, pois, não tendo nada em troca a mãe protege e abençoa sempre seus filhos e move montanhas para lhes dar o que não teve ou jamais terá em toda sua existência, uma mãe se sacrifica e luta por seus filhos com unhas e dentes para lhes dar o melhor.

Quijote se identifica como *Cavaleiro da Triste Figura* para Dulcinéia ao final da carta, com isso, podemos ver seu sentimento que está triste, devido toda a situação em que se encontra, no caso sem saúde para poder seguir em frente com suas batalhas, sem seu amor para cuidar dele e se sentir amado e a tristeza de um herói que vê seu mundo desconcertado.

Podemos observar um trecho do poema de *Quijote* para sua amada Dulcinéia, onde destaca a natureza em seus versos, vejamos:

Árboles, yerbas y plantas que en
acueste sitio estáis,
Tan altos, verdes y tantas si de mi
mal no os holgáis,
Escuchad mis quejas santas.
Mi dolor no os alborote, aunque
más terrible sea,
Pues por pagaros escote
Aquí lloró *Don Quijote*
Ausencias de Dulcinea del
Toboso.

(CERVANTES, 2004, p.250,251)

Nestes versos citados, do poema que *Quijote* fez, ele revela sua admiração pela natureza, relata as árvores, ervas e plantas que ali se encontram para abrilhantar o ambiente. É um lugar de personificação da Natureza como testemunha, onde cada ser se faz presente para melhorar ainda mais o ambiente, com isso era o lugar essencial para *Quijote* se doar. Essa doação pelos outros ele jamais receberá em troca, nunca será devolvida ao mesmo, um amor incondicional, puro e verdadeiro.

A natureza está todo tempo presente na obra, e existem momentos que *Quijote* descarrega suas angústias e aflições, onde a natureza o recarrega sempre.

Quijote viveu mais isolado do que rodeado de pessoas e era através da natureza que o mesmo se sentia à vontade, para desabafar e o confortar em meio às suas lamentações.

Em suma, *Quijote* em Serra Morena desfrutou um pouco de tudo, meditou referente ao seu imenso amor por Dulcinéia, recitando poemas envolvendo a natureza a sua amada e demonstrou a *Sancho* sua importância para ele como seu companheiro e fiel escudeiro, foi uma reflexão de sua vida envolvendo as pessoas que estão ao seu lado e seus sentimentos amorosos.

Então podemos dizer que ele sempre agia com o coração e não pela razão. Agir com sentimento é bem típico de religiosidade, pois, Cristo agia com o seu coração, uma característica em destaque de *Quijote*.

5. RELIGIOSIDADE

Independente da religião que o indivíduo exerça, podemos decifrar a religiosidade, como uma busca incessante da nossa fé, o nosso íntimo se aprimorando cada vez mais, em ser melhor para viver melhor, independente da religião exercida. Daí a relação com o conceito de *intrahistória* de Miguel de Unamuno.

Unamuno (1942), considerou o personagem *Don Quijote de la Mancha* como o cavaleiro da fé. Mas, para o autor, uma verdadeira fé só é digna de assim ser chamada quando é colocada à prova, quando passa pelos questionamentos das dúvidas. Como o próprio Unamuno sempre foi marcado pela dúvida em suas reflexões, cabe trazer aqui alguns pensamentos seus relacionados à religiosidade.

Miguel de Unamuno não era Ateu, por mais que as pessoas dissessem o contrário, ele apenas se denominava um cristão de coração, e ressaltava que para ser cristão não precisaria exatamente seguir uma religião ou doutrina, portanto, devido tanta polêmica, decidiu fazer uma oração em forma de poema, para expressar sua posição, Vejamos a seguir:

La oración del Ateo

Oye mi ruego Tú, Dios que no existes,
y en tu nada recoge estas mis quejas,
Tú que a los pobres hombres nunca dejas
sin consuelo de engaño. No resistes

a nuestro ruego y nuestro anhelo vistes.
Cuando Tú de mi mente más te alejas,
más recuerdo las plácidas consejas
con que mi ama endulzó me noches tristes.

¡Qué grande eres, mi Dios! Eres tan grande
que no eres sino Idea; es muy angosta
la realidad por mucho que se expande

para abarcarte. Sufro yo a tu costa,
Dios no existente, pues si
Tú existieras existiría
yo también de veras.

(<https://www.poemas-del-alma.com/la-oracion-del-ateo.htm>)

Unamuno descreve um pequeno trecho sobre sua religião, vamos observar agora:

Y bien, se me dirá, ¿Cuál es tu religión ? Y yo responderé: mi religión es buscar la verdad en la vida y la vida en la verdad, aun a sabiendas de que no he de encontrarlas mientras viva; mi religión es luchar incesante e incansablemente con el misterio; mi religión es luchar con Dios desde el romper del alba hasta el caer de la noche, como dicen que con él luchó Jacob. (UNAMUNO 1942, p. 10)

Primeiramente, Unamuno descreve que não segue religião, que busca a verdade na vida, lutando com o mistério que a vida pode proporcionar a ele, tanto em momentos bons como ruins, não segue nenhum dogma (religião), diz que não existe religião e sim alguns religiosos que vivem escondidos por trás de suas religiões, são pessoas que parecem ser boas e na realidade não são, parecem ser o que não são, usam máscaras o tempo todo.

O interessante é que Unamuno (2017), diz em seu poema a “Oração do Ateu” que se Deus existisse, ele também existiria de verdade, é bem curiosa essa expressão, pois, ele coloca à prova sua própria existência, mas não querendo dizer que não acredite que Deus existe, pois, se ele existe, Deus também existirá. Nos textos acima, ele relata que a religião é uma luta constante do nosso íntimo com Deus, e que a cada dia teremos que sermos melhores incessantemente.

Por sua vez, *Quijote* não seguia religião, ele não precisava de padre como intermediário, pois, Deus o entendia em seu interior, não havia necessidade de expressar para os outros externamente. O nosso ego ou íntimo é muito delicado e de difícil acesso, a não ser que queiramos compartilhá-lo. Nossos sentimentos são diversos, uma hora estamos tristes, outra hora alegres, um pouco de loucura de vez em quando, temos fé, sonhos, dúvidas, etc, mas o que temos certeza é que a cada dia poderemos ser melhores do que fomos ontem.

O relacionamento ou união de *Quijote* com *Sancho* é quase igual a um casamento, onde os mesmos são cúmplices, fiéis e lutam juntos em busca de um mesmo objetivo, embora não fosse no início, mas que depois se tornou um só pensamento. Nesse relacionamento *Quijote* nunca perdeu sua fé, sempre foi destemido em suas ações, ao contrário de *Sancho*, que era um homem de pouca fé, mas que depois da convivência com *Quijote*, foi mudando seus conceitos.

Nessa obra de *Quijote*, em torno de sua narrativa, a religiosidade está muito presente. Podemos observar que, a Santíssima Trindade revelada como Pai, Filho e

Espírito Santo é uma junção sagrada. Na obra de *Quijote* o mesmo também está sendo comparado como uma Santíssima Trindade, que significa uma resolução ou junção de três santidades, tornando-se apenas um só santuário, ou seja, Pai no caso de Cervantes, filho Alonso que é instrumento de sua criação e Espírito Santo que nessa posição seria *Quijote*, seu personagem como essência da sua própria criação.

Os personagens estão tão interligados que comparamos a esta junção, uma combinação perfeita da obra, ou seja, o criador, sua criatura e sua invenção concretizada. Como a obra de *Quijote* é considerada a Bíblia em espanhol, por Miguel de Unamuno.

Quijote foi intitulado por Unamuno (2005), como o Cristo Espanhol, por causa da identificação que o mesmo tinha com o próprio Jesus Cristo, que lutava incessantemente para salvar a humanidade, buscar um mundo melhor para se viver. O querer nem sempre é poder, pois, a mudança não depende de uma só pessoa e sim de todos, era como Jesus Cristo que queria que os outros se tornassem pessoas de bem, mas nem todas o respeitavam ou o seguiam para o bem.

Jesus Cristo se sentiu sozinho na sua crucificação, e uma frase que todos nós conhecemos é “Pai porque me abandonaste” (BÍBLIA, Mateus 27,46), essa frase relata que até Jesus Cristo se sentiu em algum momento sozinho e abandonado, levando a cruz da solidão em seus braços para poder salvar a humanidade.

Quijote no caso seria o Cristo Trágico e Jesus Cristo, o Cristo Glorioso, ambos fizeram o bem, ajudaram ao próximo e lutaram até a morte em prol da humanidade, mas apenas Jesus Cristo foi Glorioso, pois, ressuscitou de verdade para os cristãos (carne e osso) e *Quijote* apenas revive na sua obra escrita. Esta é a visão de Miguel de Unamuno. Sendo assim, considerando *Quijote* como o Cristo Espanhol, essencialmente trágico, cabe trazer alguns símbolos cristãos.

5.1. Cristianismo e seus Símbolos

Na religiosidade, existem vários símbolos, mas o primeiro e o principal é o Batismo, com ele nos tornarmos filhos de Deus, a vela e a água benta, significam luz e renascimento para ficarmos livres dos nossos erros (pecado), e sermos fiéis ao

nosso Deus sobre todas as coisas. A maioria da humanidade age conforme sua religião, mas o que interessa realmente aos mesmos, é a luta pela salvação.

Podemos relacionar *Quijote*, com a luz da vela e a água benta derramada sobre a cabeça do indivíduo, que se tornará cristão, ou seja, *Quijote* tinha uma luz própria em seu ser, como humano, que reluzia como uma luz própria que se iluminava por onde andava ou apenas passava em suas andanças e lutas. Uma breve citação para identificarmos que *Quijote* significava “Luz” em suas aventuras:

...Pues estad me atento y veréis como en un abrir y cerrar de ojos confundo todas vuestras dificultades y remedio todas las faltas que decís que os suspenden y acobardan para dejar de sacar a la luz del mundo la historia de vuestro famoso *Don Quijote*, luz y espejo de toda la cavallería andante. (CERVANTES, 2004, p.10)

A água significa renascimento, *Quijote* sempre buscava seu renascimento, era um homem que nunca queria morrer, queria ser eterno, era como se a cada passagem de sua história, o leitor o tornaria imortal, então a cada novo leitor, ele renasceria para se imortalizar cada vez mais, uma leitura inesgotável.

Portanto, como a água significa renascimento, *Quijote* a todo momento está renascendo em seu personagem e buscando sua felicidade e satisfação enquanto vida, porque depois da morte jamais retornaremos para reparar o que não foi feito realmente de qualidade.

5.2. A morte de Quijote?

Como todos os seres humanos, nascemos, crescemos e morremos, com *Quijote* não seria diferente. Depois de tantos sonhos o ser humano Alonso Quijano se despede da sua vida como *Quijote de la Mancha* o eterno cavaleiro andante.

Quijote na obra cervantina foi considerado como louco, várias passagens relatam isso, mas na perspectiva unamuniana, não existia nada de loucura e sim muita sensatez. Para melhor esclarecer sua lucidez no leito de morte, vejamos: [...] buenos señores, de que ya yo no soy Don Quijote de la Mancha, sino Alonso Quijano, a quien mis costumbres me dieron renombre de <<bueno>>. (CERVANTES, 2004, p.1100)

Quijote sabia o que estava fazendo a todo momento, apenas buscava seus ideais de uma forma imaginária. No leito de sua morte, não existia indícios de loucura, sabia que seu nome de Batismo era Alonso Quijano e quem realmente morreria seria o ser humano e não o herói.

Sua grande criação *Don Quijote* já estava eternizada, devido sua busca incessante de eterna fama, já estava destacado até em pintura para mostrar tanto seu interno (íntimo) como externo (físico). Não poderia ser diferente das histórias que lia, foi na verdade um herói e não um simples humano.

Depois de ter desabafado com seus amigos e parentes dizendo que a vida para ele não foi tão ruim, mesmo sendo visto como um louco. Disse que sua alma ele podia cuidar, já seu corpo ele não poderia fazer mais nada a respeito, como já não mais se sentia bem de saúde e com completa sanidade mental, disse que não era *Don Quijote de la Mancha* e sim Alonso Quijano.

A despedida, entre *Sancho* e *Quijote*:

Y, volviéndose a Sancho, le dijo:

- Perdóname, amigo, de la ocasión que te he dado de parecer loco como yo, haciéndote caer en el error en que yo he caído de que hubo y hay caballeros andantes en el mundo.

- ¡Ay! – respondió Sancho llorando – no se muera vuestra merced, señor mío, sino tome mi consejo y viva muchos años, porque la mayor locura que puede hacer un hombre en esta vida es dejarse morir sin más ni más, sin que nadie le mate ni otras manos le acaben que lãs melancolía. Mire no sea perezoso, sino levántese de esa cama, y vámonos al campo vestidos de pastores, como tenemos concertado: quizá trás de alguna mata hallaremos a la señora doña Dulcinea desencantada, que no haya más que ver. Si es que se muere de pesar de verse vencido, écheme a mí la culpa, diciendo que por hablar yo cinchado mal a Rocinante le derribaron; cuanto más que vuestra merced habrá visto en sus libros de caballerías ser cosa ordinária derribarse unos caballeros a otros y el que es vencido hoy ser vencedor mañana. (CERVANTES, 2004, p.1102)

Quijote mostra nesse diálogo que está em plena “sanchificación”, ao pedir perdão a *Sancho* de levá-lo consigo enquanto vida em meio a aventuras e o fazer acreditar no herói e ainda se deixar como louco. *Sancho* por sua vez, está em completa “quijotización” ao pedir ao amigo, que continuem a procurar por Dulcinéia e ainda acrescenta que um homem vencido hoje, poderá ser um vencedor amanhã, que ele não desanimasse e vivesse. *Quijote*, já sem forças e se entregando à melancolia, não se deixa levar aos apelos de *Sancho*.

Para relatar o grande final de *Don Quijote de la Mancha*, vamos mostrar um trecho do mesmo, referente à sua morte:

En fin, llegó el último de Don Quijote, después de recibidos todos los sacramentos y después de haber abominado con muchas y eficaces razones de los libros de caballerías. Hallose el escribano presente y dijo que nunca había leído en ningún libro de caballerías que algún caballero andante hubiese muerto en su lecho tan sosegadamente y tan Cristiano como Don Quijote; el cual, entre compasiones y lágrimas de los que allí se hallaron, Dio su espíritu, quiero decir que se murió. (CERVANTES, 2004, p. 1104)

O interessante deste final é a controvérsia dos cavaleiros dos livros, sempre vimos morrerem em suas batalhas e nunca junto a familiares ou em seu aconchego do lar. Com isso, o final de *Quijote* se torna ainda mais especial, mesmo sem seguir religião, Alonso recebe os sacramentos religiosos e por fim, morre em seu leito, bem sossegado e em paz consigo mesmo.

Após a morte de Alonso, deixaram em sua lápide uma mensagem muito autêntica do que ele viveu como *Don Quijote de la Mancha*, vejamos:

Yace aqui el hidalgo fuerte
Que a tanto extremo llegó
De valiente, que se advierte
Que la muerte no triunfó
De su vida con su muerte.
Tuvo a todo el mundo en poco,
Fue el espantajo y el coco
Del mundo, en tal coyuntura,
Que acredito su ventura
Morir cuerdo y vivir loco!
(CERVANTES, 2004, p. 1105)

Nessa mensagem deixada em sua lápide, é revelado um resumo de *Quijote*, assim diz que o mesmo viveu com bravura, viveu como louco e morreu sensato. Viveu uma fantasia como *Don Quijote* e no leito de sua morte, ele termina como o ser humano Alonso Quijano.

Fantasia ou realidade? Já não mais importa, o que realmente importa é que ele viveu intensamente todos os dias de sua vida, e morreu orgulhoso de ser quem era e feliz por ter sido quem ele queria e de ter os seus amigos ao seu lado até a morte.

Em suma, as aventuras de *Quijote* estão sendo lidas por leitores do mundo todo até os dias atuais, se tornando assim um marco da Literatura Espanhola. O ser humano Alonso Quijano morreu, mas o eterno cavaleiro andante *Don Quijote de la Mancha* ainda vive.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, mostramos um pouco da história do *Cavaleiro da Triste Figura*, que é conhecido como *Don Quijote de la Mancha*. Conseguimos absorver um pouco de quem foi *Quijote* segundo a visão de Miguel de Unamuno, seus sonhos e sua atuação a partir dos livros de cavalaria, sua bondade e fé que o destacam como *Cavaleiro da Fé*, até mesmo o Cristo Espanhol (Unamuno, 2005), sua bravura em meio a tantas aventuras, sua paixão platônica por sua donzela Dulcinéia, o reflexo do cavaleiro Amadís de Gaula e sua vontade de adquirir eterna fama como cavaleiro andante.

No primeiro capítulo, começamos a nos aproximar da obra cervantina sob a perspectiva de Miguel de Unamuno, entendendo um pouco do que este considera “quijotización” e “sanchificación”, em um movimento de irmanar os dois personagens, mostrando como um vai influenciando no outro em via de mão dupla. Destacando o conceito de *intra-história*, vimos como a história não dá conta da realidade total, sempre há as entrelinhas, o não dito, o interior, o que vai além das aparências.

Acreditamos que Cervantes ao construir seu grande romance buscou trazer estas implicações, tanto ao revelar o íntimo de seus personagens como ao confundir o leitor com sua história literária. A noção da *intra-história* unamuniana dá margem para sempre aprofundar, um pouco mais a este universo quixotesco, mas sabemos que ainda há muito que se descobrir.

Sendo *Don Quijote de la Mancha* uma criação de Alonso Quijano, podemos ousar dizer que *Quijote* nasceu de Alonso, sendo, portanto, filho de Alonso, conhecido como “el bueno”, daí já percebemos a origem bondosa e generosa do cavaleiro andante, capaz de sacrificar a própria vida em prol do que acredita.

Ao revisitarmos alguns episódios da obra, trazemos algumas questões e relendo alguns símbolos, acontecimentos, na busca de ir relacionando-os entre si e repensando alguns pontos da obra e de nossa própria realidade. Ao percebermos ao fim que na própria obra cervantina quem morre é Alonso, não *Quijote*, reafirmamos que *Quijote* não era realmente louco, doente, mas fez tudo o que fez tendo consciência, sabendo quem era e quem queria ser, como ele mesmo afirma.

Ainda notamos que com a morte de Alonso, o “homem de carne e osso” (expressão muito usada por Miguel de Unamuno) morre, mas *Don Quijote de la Mancha* permanece enquanto exemplo, enquanto espírito quixotesco, que pode inspirar e animar a qualquer um que se sinta tocado.

A obra cervantina é considerada por Unamuno a Bíblia Nacional Espanhola, um relato de um homem simples que viveu para “salvar” o mundo, que se eterniza em um personagem de sua própria criação. Se isso significa “loucura”, o que será realmente sanidade? Na visão de Unamuno, *Quijote* jamais foi louco, o mundo é que julga demais as pessoas pelo que elas aparentam ser, sem muitas vezes conhecê-las a fundo.

Ah... Se as pessoas tivessem um pouco de *Don Quijote* no coração, seríamos bem mais felizes e o mundo não seria tão complicado, porque viveríamos sonhando e atuando conforme nossos sonhos, teríamos a ternura de uma criança, procurando sempre fazer o bem e vivendo nossa fé para sermos eternos.

Não pretendemos aqui esgotar a obra, pelo contrário, buscamos reacender em antigos e acender em futuros leitores o prazer da leitura. Com isso, podemos contribuir um pouco para resgatar a literatura mantida nos livros, em meio à modernização vista no atual cotidiano.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMATISTA, Luz. **Breve Resumen del Amadís de Gaula**, 2013 [Internet] Disponível em: <<http://aroma-literario.blogspot.com.br/2013/04/breve-resumen-del-amadis-de-gaula.html>>. Acesso em 04 de Maio. 2013.

(BÍBLIA, Mateus 27,46),

A BÍBLIA. **A Mulher Adúltera**. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro, O. F. M. São Paulo: Ave-Maria Ltda, 102ª Edição. Publicações, p.1395, 1996. Velho Testamento e Novo Testamento.

_____. **Caminho da Cruz**. Tradução de Frei João José Pedreira de Castro, O. F. M. São Paulo: Ave-Maria Ltda, 102ª Edição. Publicações, p.1320, 1996. Velho Testamento e Novo Testamento.

BERNARDO, Gustavo.- Revista Vestibular- **Moinhos de Vento**, 2011 [Internet] Disponível em: <http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=56>. Acesso em 15 de Abril. 2011.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha**. Edición del IV Centenario. 2004.

_____. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Martin Claret, v. I, II, 2007.

CARLOS ALVAR, José-Carlos Mainer; NAVARRO, Rosa. **Breve Historia de la Literatura Española**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

FREITAS, Eduardo de.- Brasil Escola- **Primeira Revolução Industrial**, 2017 [Internet]; Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/primeira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em 22 de março. 2017.

MARTÍNEZ, Nuria. **El caballo de Don Quijote**, 2014. [Internet] Disponível em: <http://www.ociocaballo.com/quijote_032005_a1.htm>. Acesso em 24 de Março. 2014.

POEMAS DEL ALMA. **Oración del Ateo**, 2017 [Internet] Disponível em: <<https://www.poemas-del-alma.com/la-oracion-del-ateo.htm>>. Acesso em 17 de Junho. 2017.

SOLÉ, Yolanda. “**El Elemento Mítico-Simbólico en el Amadís de Gaula: Interpretación de su significado**”. Thesaurus.Tomo XXXIX. Núm. 1, 1994.

MORA, José. **Bosquejo de una Filosofía**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1985.

CASSOU, Jean. **Manual de Quijotismo**. 1ª Ed. – Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.

ZAMBRANO, María. **Unamuno y su Obra**. 1ª Edición en Debolsillo: enero, 2004.

UNAMUNO, Miguel de. **Mi Religión y Otros Ensayos Breves**. Madrid: Espasa-Calpe, 1942.

_____. **En torno al Casticismo**. Madrid: Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S.A.), 2005.

_____. **El Caballero de La Triste Figura**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.

_____. **Vida de Don Quijote y Sancho**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

_____. **Paz en La Guerra**. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1999.

YUSHIMITO, Carlos. **La Armadura en El Espejo**, 2014 [Internet] Disponível em:

<<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero44/armaespe.html>>.

Acesso em 24 de Março. 2014.